



ANGELA MERKEL LIBERDADE

ANGELA MERKEL LIBERDADE



Tradução
Petê Rissatti

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Verlag Kiepenheuer & Witsch, Köln/Germany, 2024

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Petê Rissatti, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *Freiheit: Erinnerungen 1954-2021*

Preparação: Maitê Zickuhr

Revisão: Valquíria Matioli e Gleice Couto

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Barbara Thoben, Colônia

Imagens da capa: Urban Zintel, Berlim

Adaptação de capa: Sandra Fava

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Merkel, Angela

Liberdade : memórias 1954-2021 / Angela Merkel, Beate Baumann ; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

688 p. : [16] p. il.

ISBN 978-85-422-4322-2

Título original: *Freiheit: Erinnerungen 1954-2021*

I. Merkel, Angela, 1954- – Biografia 2. Alemanha – Política e governo I. Título

II. Baumann, Beate III. Rissatti, Petê

26-1730

CDD 943.087

Índice para catálogo sistemático:

I. Merkel, Angela, 1954- – Biografia

Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Prólogo</i>	9
 PRIMEIRA PARTE – “EU NÃO NASCI CHANCELER” <i>17 de julho de 1954 a 9 de novembro de 1989</i>	
Infância feliz	15
Quitow Waldhof Horror puro Goetheschule Férias A Primavera de Praga Hermann-Matern-Schule	
A distância	62
O curso de física Despreocupada Timbres e ouro em pó O diploma Ilmenau	
Na Academia de Ciências da RDA	81
Constantes de velocidade FDJ e o marxismo-leninismo Na Marienstraße A Templiner Straße Intercâmbio internacional Dissociação crescente Proprietária de um lar Viagem para o Ocidente	
 SEGUNDA PARTE – UM DESPERTAR DEMOCRÁTICO <i>10 de novembro de 1989 a 2 de dezembro de 1990</i>	
Unidade, Justiça e Liberdade	117
Sentimentos confusos Primeiros passos políticos Uma campanha eleitoral especial Atritos e conflitos Momento glorioso da diplomacia	
Com as próprias pernas	155
Fechando o punho nos bolsos Seu candidato direto	

TERCEIRA PARTE – LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

3 de dezembro de 1990 a 21 de novembro de 2005

Aufbau Ost.	169
Quinta-Feira Santa Uma perna quebrada A vizinha Consultas públicas Paisagens prósperas! Paisagens prósperas? Contra a agressão e a violência	
Igualdade.	203
Feminista? Torcicolo	
Sustentabilidade.	220
Sem consenso energético Política estrangeira O preço da sobrevivência	
Por que a CDU?	247
Líder do partido Nos esforços das margens – ou a luta pela autoridade Líder do grupo De repente, novas eleições Manter os pés no chão	

QUARTA PARTE – A SERVIÇO DA ALEMANHA (I)

22 de novembro de 2005 a 4 de setembro de 2015

A primeira.	293
Terça-feira, 22 de novembro de 2005 Paris – Bruxelas – Londres – Berlim – Düsseldorf – Hamburgo Ousar ser mais livres Definindo o curso Varsóvia Conselho Europeu “Aonde, aonde vocês foram?”	
O conto de verão.	341
Novos hábitos Terceiro lugar	
Anfitriã em uma cadeira de praia.	347
Almoço com George W. Bush As deliberações dos Oito Esperando Vladimir Putin	
Crise econômica global.	365
Armida e o IKB Turbulência mundial A garantia de quem poupa O pacote de resgate Empregos G20	

Crise do euro	390
Coalizão ideal Biblioteca Solvay O caminho para Ítaca Se o euro falhar, a Europa falha Em busca da bazuca No fio da navalha	
Ucrânia e Geórgia são membros da OTAN?	423
Ataque à Ucrânia A cúpula da Otan em Bucareste	
Paz e autodeterminação na Ucrânia.....	440
Parceria Oriental Os protestos na Maidan A anexação da Crimeia O formato “Normandia” Plano de paz de Petro Poroshenko Dezesete horas de negociações em Minsk Um sopro de Guerra Fria	
“Nós vamos conseguir”	470
As portas da Europa A conferência de imprensa de verão A decisão	
QUINTA PARTE – A SERVIÇO DA ALEMANHA (II)	
<i>5 de setembro de 2015 a 8 de dezembro de 2021</i>	
Um rosto amigável	487
“Então, este não é o meu país” Encontrar soluções Terror islâmico na Alemanha Sobre desconfiança e confiança Candidatar-se de novo?	
Um mundo conectado – o nó direito	523
Um globo, um mapa e a tolerância Brexit Novas alianças Acordo de livre comércio O Acordo de Paris Parceria com a África Índia e China: potências mundiais Donald Trump G20 em Hamburgo	
Clima e energia	565
Um pesadelo e suas consequências Gás natural O princípio da precaução	
Bundeswehr em ação.....	583
Afeganistão Líbia Serviço militar obrigatório Balcãs Ocidentais	
Israel.....	604
Nos passos de Adenauer Razão de Estado	

Kairós	619
“Saia do campo” Adeus à Presidência da CDU	
A pandemia	629
Uma imposição democrática Esperanças e decepções Um teste para a Europa Novo território A política mundial à sombra da pandemia Cerimônia de despedida	
<i>Epílogo</i>	671
<i>Agradecimentos</i>	674
<i>Nota editorial</i>	676
<i>Lista de abreviações</i>	677
<i>Índice onomástico</i>	682



INFÂNCIA FELIZ

Quitow

Em 10 de novembro de 1989, uma sexta-feira, saí do meu apartamento no número 104 da Schönhauser Allee, no bairro de Berlin-Prenzlauer Berg, como fazia todas as manhãs, por volta das 6h30, para pegar o trem S-Bahn* na estação Schönhauser Allee até a estação Berlin-Adlershof, onde ficava meu trabalho. O S-Bahn estava bem lotado, e lá fora ainda estava escuro, como sempre naquela época. Mas, na realidade, nada estava como sempre. Na noite anterior, Günter Schabowski, secretário de Política de Informação e Imprensa da liderança do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED), havia explicado na televisão da RDA: “As viagens privadas ao exterior podem ser solicitadas sem a existência de quaisquer pré-requisitos (motivos de viagem e relações familiares)”. E confirmou, assim que foi questionado, que aquela regra se aplicava “agora mesmo, imediatamente”. Na verdade, naquela quinta-feira, 9 de novembro de 1989, ele havia anunciado a queda do Muro de Berlim. Pouco depois disso, nada mais ficou como antes.

Ao longo da noite, também me juntei à procissão de pessoas que se dirigiram até a passagem fronteiriça da Bornholmer Straße e, em seguida, para a Berlim Ocidental. Os berlinenses ocidentais de todos

* S-Bahn é parte do sistema integrado de transporte rápido sobre trilhos que existe em Berlim. Diferentemente do U-Bahn Metro, que corre praticamente todo em túneis subterrâneos e atende apenas Berlim, a maior parte da operação do S-Bahn ocorre na superfície e parte dela alcança a fronteira do estado de Brandeburgo, em especial saindo da Berlim Oriental. (N.T.)

os lugares gritavam de seus apartamentos que podíamos subir até lá, tomar uma cerveja com eles e brindar por esse evento incrível. Outros, de tanta alegria, até mesmo desceram à rua. Completos estranhos se abraçavam, e eu estava bem no meio de tudo. Segui um pequeno grupo de pessoas que não conhecia até a primeira rua paralela à esquerda, atrás da ponte. Um berlinense ocidental nos convidou para ir ao seu apartamento, e eu simplesmente fui junto. Ele nos ofereceu uma cerveja, e pudemos dar um telefonema. Contudo, a minha tentativa de entrar em contato com minha tia em Hamburgo não deu certo. Cerca de meia hora depois, nos despedimos. A maioria continuou a caminhada até Kurfürstendamm, uma via elegante da Berlim Ocidental. Eu, por outro lado, dei meia-volta e fui para casa, aproximadamente às 23 horas, porque lembrei que precisava acordar bem cedo e seguir até Adlershof. Eu queria ir até lá para trabalhar em uma palestra que daria alguns dias depois, em Toruń, na Polônia, e que ainda estava longe de terminar. Mal preguei os olhos naquela noite, pois estava animada demais com tudo o que havia vivido poucas horas antes.

De manhã, também havia um pequeno grupo de homens uniformizados no meu S-Bahn para Adlershof, guardas de fronteira do Regimento Feliks Dzierżyński. Era óbvio que estavam voltando aos quartéis perto do meu instituto, após o turno da noite na fronteira. Os soldados estavam conversando tão alto que não pude deixar de ouvir suas palavras. “Camarada, foi uma noite daquelas”, um deles abriu um sorriso afetado. “Que efeito será que tudo isso vai ter sobre nossos oficiais?”

“Ficaram totalmente atrapalhados com tudo e ainda vão se surpreender”, comentou um segundo.

“Eles perderam o direito de existir. Sua vida, suas carreiras... foi tudo pelo ralo!”, gritou um terceiro soldado.

Desembarcamos em Adlershof. Cada um de nós seguiu seu caminho, os soldados, para os quartéis, eu, para minha mesa no Instituto Central de Físico-Química da Academia de Ciências da RDA. Mas

nem dava para pensar em trabalho, tudo permaneceu onde estava, inclusive, claro, a palestra pela qual eu havia retornado mais cedo do lado ocidental na noite anterior. Não foi só comigo que isso aconteceu, mas com todos. Nós falávamos e falávamos. Durante a manhã, minha irmã me telefonou no instituto. Naquela época, ela trabalhava como terapeuta ocupacional na policlínica dos operários da construção civil. Combinamos de nos encontrar, no final da tarde, para visitar um amigo dela de longa data em Berlim Ocidental, que conhecidos lhe haviam apresentado alguns anos antes. Era difícil acreditar que de repente podíamos simplesmente ir até à casa dele.

Durante todo o dia, não consegui tirar da cabeça as frases dos guardas de fronteira que ouvi no S-Bahn naquela manhã. Eu pensava: *finalmente!* Finalmente, esses soldados e seus superiores já não têm nenhum poder sobre você. Finalmente, não têm mais poder nenhum sobre sua família. Durante vinte e oito anos, o Muro de Berlim não apenas separou minha família e causou muita dor, especialmente aos meus pais, mas também à família do meu marido, Joachim Sauer. Inúmeras pessoas nos lados oriental e ocidental tiveram o mesmo destino que nós. Finalmente, esses soldados já não conseguiam nos impedir de circular livremente. Ao mesmo tempo, porém, descobri que uma coisa que o soldado havia dito no S-Bahn ecoou dentro de mim: direito de existir. Como seria minha vida depois daquela noite, assim como a da minha família, dos meus amigos, dos meus colegas? Que valor teriam no futuro nossas experiências, formações, competências, conquistas e decisões particulares? Eu estava com 35 anos. Apenas 35 anos? Ou já 35 anos? O que permaneceria, e o que não?

Nasci em 17 de julho de 1954, em Hamburgo, como primogênita de Herlind e Horst Kasner. Meu pai nasceu em Berlim, em 1926, filho de Ludwig Kazmierczak, que viera de Poznań e se mudou para Berlim no início da década de 1920, com sua esposa, Margarete. O pai era oficial de polícia, a mãe, natural de Berlim, era costureira e dona de casa. Em 1930, a família teve o sobrenome polonês alterado para o sobrenome alemão Kasner, e, a partir de então, meu pai passou a

se chamar Horst Kasner. Meu avô, Ludwig Kasner, faleceu logo, em 1959; não tenho nenhuma lembrança pessoal dele.

Minha mãe, Herlind, nasceu em Gdańsk-Wrzeszcz, Polônia, em 1928, como a primeira de duas filhas do casal de professores Willi e Gertrud Jentzsch. A mãe dela, que veio de Elbląg, na Prússia Oriental, desistiu do emprego após o nascimento da criança. O pai dela, meu avô Willi, conduziu a família a um certo nível de prosperidade como professor de Ciências Naturais e diretor de uma escola secundária em Gdańsk. Como dizemos hoje, ela vivia em condições de classe média estável. Em 1936, a família se mudou de Gdańsk para Hamburgo, pois o pai recebera uma oferta para assumir a vaga de diretor em uma escola secundária. Tudo foi preparado, um novo apartamento alugado, uma empresa de mudanças contratada. Então, meu avô adoeceu com uma apendicite ulcerativa e inflamação da vesícula biliar. Ele acabou falecendo, porque a penicilina que o salvaria ainda não existia.

Nesse momento, minha avó e suas duas filhas ficaram sozinhas, mas mesmo assim se mudaram para Hamburgo, para o grande apartamento já alugado na Isestraße. Preocupações financeiras as assolavam, pois nunca antes as haviam conhecido. Embora minha avó recebesse uma pensão por viuvez, toda a sua vida até aquele momento desmoronou. Durante muito tempo, ela usava apenas roupas pretas e se preocupava o tempo todo com as filhas. Se as meninas chegassem em casa um pouco mais tarde do que o combinado, ficava apavorada e ia até a varanda procurá-las.

No início do segundo semestre de 1943, Hamburgo foi gravemente atingida por ataques aéreos britânicos e norte-americanos, tal como a casa onde minha família morava. Minha avó saiu da cidade com as duas filhas. Primeiro, se mudaram para a aldeia de Neukirchen, em Altmark, onde a irmã da minha avó vivia com a família. Depois, em meados do segundo semestre de 1943, para Elbląg, a sua cidade natal na Prússia Oriental, mas apenas alguns meses mais tarde, em meados de 1944, voltaram para Neukirchen. Em 1944, minha mãe foi enviada de lá para a Westendschule, escola que foi transferida de Berlim para

Písek, na atual Tchêquia. Após o fim da guerra, ela seguiu caminhos aventureiros até retornar à sua mãe e irmã em Neukirchen. Entre o final de março de 1945 e a sua chegada à aldeia, em outubro de 1945, a família não recebeu nenhum sinal de vida da minha mãe. Ela costumava contar que, tendo apenas 17 anos à época, morria de medo de ser estuprada pelos soldados soviéticos que conhecera pelo caminho.

As experiências de guerra tiveram um impacto ainda maior na vida do meu pai. Junto a meu avô Ludwig, ele muitas vezes ouvia secretamente a *BBC* no rádio à noite, embaixo das cobertas, para acompanhar o avanço no *front*. Mesmo durante a guerra, meu avô estava convencido de que a Alemanha a perderia, inclusive, que deveria perdê-la. Em maio de 1943, meu pai foi convocado como auxiliar antiaéreo. Ao completar 18 anos, em agosto de 1944, virou soldado e, na primavera de 1945, ficou soterrado debaixo de escombros após um ataque a bomba. Depois do fim da guerra, foi feito prisioneiro pelos ingleses na Dinamarca por um breve período. No seu regresso, em agosto de 1945, a Alemanha já estava dividida em zonas de ocupação entre as potências vitoriosas. Ele seguiu para a casa de um amigo em Heidelberg e lá fez os exames escolares finais e, como contou mais tarde, começou a estudar teologia em 1947, influenciado por sua experiência de guerra.

Não era algo presente na casa dos pais dele. Embora seu pai fosse batizado como católico e sua mãe fosse da Igreja Protestante, meus avós não eram cristãos praticantes. Meu pai mesmo foi batizado como católico, mas foi confirmado na Igreja Evangélica em 1940. Após o final da guerra e dos horrores do nazismo, ele estava convicto da necessidade de uma ética de paz para um novo começo. Para ele, essa ética surgiria da fé cristã, por isso decidiu estudar teologia nas zonas de ocupação ocidentais da época. Desde o início, combinou seus estudos com o plano de regressar ao que era então a zona de ocupação soviética, pois estava convencido de que pessoas como ele eram necessárias ali. Acho que é possível chamar essa convicção de vocação.

Meu pai continuou seus estudos na Fundação Bethel, em 1949, e os concluiu com um período de estágio prático para pastores em

Hamburgo, em 1954. Em 1950, ele conheceu minha mãe em um evento organizado pela congregação estudantil evangélica, no qual os dois eram alunos de confiança, ou seja, representantes escolhidos por outros alunos. Minha mãe estudava inglês e latim em Hamburgo. Mais tarde, quis trabalhar como professora do ensino médio. Em tom de brincadeira, seus amigos da congregação estudantil a chamavam de “Mercedes” porque – assim como sua mãe – já tinha o sonho de ter um carro próprio, e que fosse o maior e o mais veloz possível.

Meus pais casaram-se em 6 de agosto de 1952. Com o casamento, ficou claro para a minha mãe que ela seguiria o marido assim que ele concretizasse o plano de regressar à Igreja de Berlim-Brandemburgo, ou seja, à RDA, fundada três anos antes. Essa decisão não foi nada fácil para ela, mas ela a abraçou por amor, ainda que com graves consequências para si.

Em 1954, chegou a hora. Para muitos de nós, talvez até mesmo para a maioria, esse ano está associado ao Milagre de Berna, como ficou conhecida a conquista da primeira Copa do Mundo pela seleção da República Federal da Alemanha. Na minha família, porém, foi o ano em que os meus pais se mudaram da RFA para a RDA, de Hamburgo para Quitzw, uma cidadezinha em Prignitz, no estado de Brandemburgo, quase 150 quilômetros a noroeste de Berlim. Lá, meu pai assumiu seu primeiro cargo pastoral como pastor da congregação. Ele seguiu na frente, e minha mãe chegou pouco tempo depois comigo em um carrinho de bebê. Eu tinha seis semanas. Apenas um ano havia se passado desde que uma revolta popular com greves e manifestações políticas na RDA foi brutalmente reprimida pelos tanques soviéticos, em 17 de junho de 1953. E, apenas alguns anos depois, com a construção do Muro, haveria outro golpe que atingiria em profundidade milhões de alemães, inclusive a nossa família. Nesse meio-tempo, porém, meus pais se instalaram comigo no novo ambiente.

Tínhamos uma governanta em casa, cujo nome era sra. Spieß, que tinha vindo da Prússia Oriental para Quitzw com o antecessor de

meu pai. Após sua aposentadoria, ela continuou trabalhando para meus pais, ensinando-lhes tudo o que precisavam saber para levar uma vida no campo. Meu pai ordenhava as cabras, minha mãe aprendeu a cozinhar urtigas e muito mais, coisas que não havia conhecido por ter sido uma criança urbana. Uma história sempre contada em nossa família era que minha mãe havia trazido um tapete branco para o lar matrimonial e, inicialmente, queria manter seus costumes de Hamburgo em Quitzw. Ou seja, quando queriam conversar com meu pai, os visitantes não precisavam tirar os sapatos, nem mesmo os agricultores da aldeia. E com frequência vinham até ele com suas preocupações, porque o período de coletivização forçada* havia começado; muitos deles seguiram mais tarde para o Ocidente por causa disso. Sempre que os agricultores faziam menção de tirar os sapatos antes de entrar em casa, porque sabiam as marcas que deixariam no tapete branco, minha mãe dizia: “Pode ficar com eles”. Então pisavam no tapete branco com a sola suja do trabalho no campo. A certa altura, minha mãe abandonou o hábito de Hamburgo e começou a fazer os visitantes tirarem os sapatos. Finalmente ela chegou em Quitzw.

Eu mesma não tenho nenhuma lembrança própria do lugar e conheço tudo apenas pelas histórias de nossa família. O que é totalmente diferente com relação a Templin. Meus pais mudaram-se para essa cidadezinha em Uckermark, Brandemburgo, cerca de oitenta quilômetros ao norte de Berlim, em 1957, comigo e com meu irmão, Marcus, que nasceu no mesmo ano. Meu pai foi nomeado pela Igreja de Berlim-Brandemburgo para ser diretor do seminário para serviço religioso localizado em Templin, o que mais tarde seria um colégio pastoral. Com isso, ele não era mais um clássico pastor de congregação. A mudança também abriu novas oportunidades para minha mãe.

* Processo de expropriação de pequenas e médias propriedades privadas pelo Estado, que começa por volta de 1958 por decisão do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED). (N.T.)

Waldhof

Minha irmã Irene nasceu em 1964. Desde que ela estava com mais ou menos seis anos, tínhamos um lugar favorito em comum. Era o revestimento de metal da mansarda da casa dos meus pais. Irene era mais ágil do que eu e descobriu que podíamos sair com facilidade pela janela e ficar na superfície de chapa metálica com todo o conforto. Dali, conseguíamos olhar os pinheiros e ver como as copas balançavam ligeiramente com o vento. Entre as árvores, avistávamos um caminho que descia um pouco até um prado por onde corria o canal entre o lago de Templin e o lago Röddelinsee. No verão, fazíamos planos naquele telhado sobre o que queríamos fazer ali. Ir até a fonte na campina? Ir de bicicleta até o lago Röddelinsee para nadar? Colher mirtilos nas florestas ao redor de Templin? As possibilidades pareciam infinitas. Nós nos dávamos muito bem, apesar da diferença de idade de dez anos.

A janela da mansarda fazia parte do meu quarto. O verdadeiro apartamento da família era no andar de baixo. Nossa casa ficava situada nas cercanias da cidade, em um local do chamado Waldhof. A parte principal desse local era administrada pela Fundação Stephanus para crianças e adultos com deficiência intelectual. O conceito correspondia ao das Fundações von Bodelschwingh, em Bethel. Além do cuidado e apoio dos residentes, era dada ênfase ao efeito terapêutico do trabalho ativo e significativo. As instalações precisavam ser autosuficientes e economicamente viáveis tanto quanto possível. Por isso, além da cozinha e da agricultura, Waldhof também contava com uma oficina de jardinagem, uma lavanderia, uma ferraria, uma carpintaria, uma sapataria e uma alfaiataria. Quando crianças, podíamos ir a todos os lugares e conversar com os mestres artesãos dos diversos ofícios e com os moradores com deficiência intelectual.

O colégio pastoral dirigido por meu pai incluía um edifício com quartos para pernoites dos participantes do curso e algumas residências, incluindo o apartamento oficial da nossa família, com um total de sete quartos. Cinco deles ficavam no primeiro andar, meu quarto

e o escritório do meu pai ficavam na mansarda. Também havia uma espécie de escola, onde aconteciam os eventos e cursos ministrados pelo meu pai.

A minha mãe também havia recebido novas tarefas dentro de Waldhof, por exemplo, a formação de funcionários administrativos da Igreja, a quem dava aulas de alemão e matemática no colégio pastoral, ou aulas de grego e latim que ministrava aos futuros alunos do Sprachenkonvikt de Berlim, um centro de formação teológica da igreja evangélica, para prepará-los para os estudos de nível universitário condizentes. Com o passar dos anos, porém, as tarefas do colégio centraram-se cada vez mais na formação contínua de pastores, de modo que as áreas de atividade de minha mãe voltaram a ser mais limitadas. Dessa forma, ela acabou trabalhando como secretária do meu pai por um tempo. Como esposa de um pastor, não tinha permissão para lecionar em escolas públicas, porque, sempre e onde quer que a educação estivesse envolvida na RDA, as influências da igreja deviam ser afastadas. A RDA entendia-se como um Estado ateu.

Havia basicamente uma distribuição clássica de papéis entre minha mãe e meu pai na vida familiar cotidiana, embora minha mãe gostasse de imaginar como seria se lecionasse numa escola. Naquela época, eu pensava que teria sido apenas um fardo duplo, porque ela teria de administrar tanto as aulas como as tarefas domésticas. Para mim, quando criança, não havia nenhuma vantagem. Como minha mãe não trabalhava oficialmente, como se dizia na RDA, ou seja, não tinha nenhuma atividade remunerada, meus irmãos e eu não podíamos frequentar o jardim de infância nem participar posteriormente da merenda escolar. Eu não gostava nada disso. Bem no final, no último ano letivo, por fim consegui participar da merenda. O motivo por que eu tanto queria aquilo não era pela qualidade da comida, mas sim pelo fascínio de algo que me fora proibido por tanto tempo. Como resultado, no entanto, minha mãe precisou preparar o almoço para toda a família todos os dias, durante muitos anos, além, claro, das demais refeições e – não devemos nos esquecer – também precisava providenciar as compras para tal.

Eram cerca de três quilômetros de Waldhof até o local onde se podia fazer compras na cidade. Quando nós éramos crianças, pequenas demais para ajudar, minha mãe precisava carregar todas as compras para casa sozinha em sua bicicleta. Fisicamente era uma exigência imensa para ela. Mais tarde, depois de tirar a carteira de motorista, a mãe dela, a minha avó de Hamburgo, lhe deu de presente um Trabant, o carro-símbolo da RDA. Essa transação foi feita por meio da empresa Geschenkdienst- und Kleintransporte GmbH, ou GENEX, uma agência de transferência por meio da qual os alemães ocidentais tinham autorização para dar aos cidadãos da RDA presentes mais caros, pagos em marcos da Alemanha Ocidental. Para minha mãe, poder dirigir o próprio carro, mesmo que fosse menor que o modelo que lhe havia rendido o apelido de “Mercedes” na sua época da escola, era como um ato de autolibertação. Agora, ela podia se locomover. Ela também aproveitava para ministrar cursos de inglês no Sprachenkonvikt, em Berlim, o que, por sua vez, gerava atritos ocasionais com meu pai, que preparava a própria comida muito a contragosto. No entanto, minha mãe insistia em seguir um caminho próprio.

Os pastores na RDA ganhavam pouco dinheiro, mas, tal como nós, tinham de pagar apenas um valor de aluguel pequeno pelo seu apartamento funcional. Também recebiam um auxílio material do Ocidente, conhecido como ajuda fraterna. Para a nossa família, equivalia a cerca de setenta marcos da Alemanha Ocidental por mês. Minha avó de Hamburgo e – após sua morte em 1978 – minha tia, irmã de minha mãe, administravam a ajuda fraterna e nos enviavam pacotes regularmente. Era uma enorme tarefa organizacional para o povo de Hamburgo, mas uma ajuda inestimável para nós.

E também de outra maneira os pacotes eram especiais, o que sentíamos logo após abri-los, ao falar: “Isso tem cheiro de Ocidente”. Com isso queríamos dizer que havia o cheiro gostoso de um bom sabonete ou de um café aromático. O Leste, por outro lado, cheirava fortemente a produtos de limpeza abrasivos, cera para pisos e terebintina. Guardo esse cheiro até hoje.

Em geral, para mim, a RDA oficial era a personificação da ausência de bom-gosto. Apenas imitações em vez de materiais naturais de verdade, nunca cores alegres. Meus pais procuraram encontrar nichos nos quais pudessem escapar dessa ausência de bom-gosto, por exemplo, comprando nas carpintarias de Hellerau móveis particularmente elegantes, e tiveram de esperar um bom tempo por alguns deles. Talvez minha preferência atual por blazers coloridos também remonte à experiência inicial de, muitas vezes, sentir falta de cores fortes no dia a dia da RDA.

O colégio pastoral de meu pai beneficiava-se da infraestrutura de todo o Waldhof, por exemplo, a cozinha e as oficinas das instalações da Fundação Stephanus. Os residentes com deficiência intelectual também realizavam alguns trabalhos no colégio. Nas minhas lembranças, um deles se destacava particularmente, ajudando minha mãe de forma incansável e com muita paciência a buscar lenha e carvão. Era um trabalho muito árduo, porque todos os quartos eram aquecidos com fornos de cerâmica. Ele concentrava-se totalmente no trabalho. Tirando isso, falava o tempo todo consigo mesmo e contava sobre seu mundo como suposto funcionário da ferrovia. Ficamos amigos.

Quando nós, crianças, não precisávamos ir à escola, passávamos a maior parte dos dias fora de casa, sendo interrompidas apenas pelas refeições. Ao meio-dia e às 18 horas, um morador da Fundação Stephanus tocava os sinos do campanário, que ficava no terreno de Waldhof. Para nós, filhos de pastor, também significava que deveríamos voltar para casa, porque era hora de comer. Tirando isso, podíamos ficar perambulando pelo terreno o dia todo. Era maravilhoso.

Meu amigo especial era o jardineiro, sr. Lachmann. Com ele, aprendi fazer transplantes de plantas e jardinagem em estufas. Eu podia perguntar qualquer coisa para ele e, ao mesmo tempo, ajudá-lo um pouco no trabalho de jardinagem. De qualquer forma, eu era uma criança relativamente rústica. Comentavam que, quando era pequena, em Quitzow, eu chegava até mesmo a beber água do bebedouro das galinhas quando estava com sede. E em Waldhof eu não

me importava de comer cenouras do viveiro que ainda não tinham sido lavadas.

Meu lugar favorito no outono era o vaporizador de batatas, um veículo enorme que parecia um caminhão com uma grande caldeira. As batatas eram colocadas nele e amolecidas com vapor quente. Significava que podiam ser transformadas em forragem logo após a colheita. Quando criança, eu podia me sentar com o motorista durante esse processo. Cheirava maravilhosamente a campos e ervas de batata. E para mim era delicioso provar as batatas amolecidas.

Havia outras crianças morando em Waldhof, algumas mais velhas, outras mais novas que eu. Aprontávamos bastante, nadávamos, brincávamos na palha ou de queimada. Sempre havia alguém que se juntava à brincadeira, nunca ficávamos entediados.

No primeiro domingo do Advento, as crianças de Waldhof cantavam canções da época para os moradores com deficiência intelectual. Às sete da manhã, fazíamos nossa serenata. Com ela, acordávamos aqueles que dormiam nos grandes salões. Eram essas as circunstâncias naquela época, quartos individuais ou duplos estavam fora de cogitação. Cantávamos *Es kommt ein Schiff, geladen* [Tem um navio chegando, carregado], *Macht hoch die Tür* [Abri vós a porta] e muitas outras canções. Os moradores ficavam muito felizes e nós também, crianças, fazíamos isso de todo o coração. Na época do Natal, eu também cantava no coral da Igreja Maria Madalena, em Templin. Em geral, a noite de Natal era um grande ponto alto do ano para nós, as crianças de Waldhof. No entanto, nossa rotina na véspera era significativamente diferente daquela de muitas outras famílias. Na casa pastoral, a vida profissional e a privada se fundiam à perfeição, e notávamos isso especialmente na época natalina.

Na véspera de Natal, meu pai precisava realizar dois ou três cultos nas aldeias ao redor de Templin e, muitas vezes, voltava das frias igrejas da aldeia apenas após às 18 horas e, por isso, chegava com muito frio. Quando pequenas, nós, as crianças, éramos forçadas a

tirar uma soneca no meio do dia, porque a noite se estenderia até tarde. À medida que fui crescendo, comecei a acompanhar meu pai aos cultos da igreja.

Claro que a minha avó de Berlim vinha nos visitar, mas, ao mesmo tempo, nessa noite especial, devíamos pensar também naqueles que ficavam sozinhos. Desde bem pequenas, meus pais ensinaram para nós, crianças, que o significado essencial do Natal era pensar nas pessoas que não tiveram a mesma sorte que nós, que estavam solitárias e abandonadas. Então, todos os anos, na véspera de Natal, convidávamos um colega da casa que morava sozinho e raramente recebia visitas. No jantar, que, na minha perspectiva infantil, começava bem tarde por causa dos cultos religiosos de meu pai, nosso convidado por fim podia papear por muito tempo conosco, e meus pais até o incentivavam a fazê-lo. Mas nós, crianças, parecíamos ter formiga pelo corpo, pois toda a nossa atenção estava voltada para o tão esperado presente, mas era proibido falar qualquer coisa. Portanto, muitas vezes eram 20 horas ou até mais tarde quando finalmente tínhamos permissão para entrar no salão de Natal.

Ali, tínhamos um ritual fixo. Enquanto as velas de cera queimavam, meus irmãos e eu recitávamos a história do Natal, com os papéis distribuídos para cada um. Entre as seções do Evangelho de Lucas, tocávamos pequenas peças de flauta e entoávamos canções natalinas. Era uma pequena encenação que, claro, tinha como intuito também deixar nossos convidados felizes, mas, acima de tudo, pretendia nos mostrar que o Natal não se resumia apenas aos presentes.

Tenho boas lembranças da primeira manhã do feriado, quando os presentes eram desembulhados na nossa frente e nos sentávamos juntos na sala de estar. Normalmente, meu pai não tinha que officiar cultos na igreja porque, como chefe do colégio pastoral, era designado apenas para as congregações de forma temporária. Enquanto minha mãe preparava o ganso assado na cozinha, podíamos conversar com nosso pai sobre os presentes. Comíamos nos pratos coloridos que minha mãe preparava para nós sem que nos alertassem que devíamos manejar nos doces. Quando os presentes do

Ocidente que meu irmão recebia incluíam um de seus adorados quebra-cabeças da Ravensburger, começávamos a montá-lo.

Éramos uma casa aberta, não apenas no Natal e em outras celebrações. Meus pais recebiam visitantes com frequência durante todo o ano. Os amigos muitas vezes compareciam depois do jantar, e os adultos tomavam chá ou uma taça de vinho juntos. Não era raro que as pessoas procurassem conselhos dos meus pais sobre como deviam se comportar em relação ao Estado em determinadas situações da vida, incluindo membros do Partido Socialista Unificado da Alemanha. Os pastores também gostavam de visitar uns aos outros nos fins de semana. Eu adorava ir a outras casas pastorais no distrito eclesiástico. Muitas vezes, depois de tomarmos café, pediam a nós, crianças, que saíssemos. Quando falavam que podíamos ir brincar, o que realmente queriam dizer era que *deveríamos* ir brincar. Muitas vezes tentei ficar com os adultos e desenvolvi estratégias como me espremer em um canto ou ficar escondida atrás de uma cortina. Eu queria mesmo era ouvir o que estava sendo dito. Em sua maioria, as conversas eram altamente políticas. Meu interesse nelas era fervoroso – mais do que quando eram discutidas questões teológicas ou da doutrina cristã e dos cultos religiosos. Às vezes, tratava-se de outros pastores que tinham entrado em conflito com o Estado ou enfrentaram problemas com o Serviço de Segurança do Estado. Também se falava dos problemas das crianças com a escola. Sempre ficou claro para mim que tais conversas e encontros nunca podiam ser discutidos com terceiros. Nós, crianças, sabíamos que precisávamos permanecer em silêncio.



 Planeta



9 788542 243222